

Senhor Governador,  
Senhores Secretários de Estado,  
Ilustres professores,  
Minhas Senhoras,  
Senhores.

É este o quarto Grupo Escolar que se inaugura, no Estado do Rio, no corrente ano. Até o fim do presente exercício, nada menos que quatro outros aguardam a sua vez de receberem, segundo as regras do ritual, a sagração do batismo solene. Mas não é tudo. Há ainda que acrescentar a êsse número a criação de duas escolas do plano federal e de mais dez unidades isoladas, que já se acham em funcionamento, nos vários municípios fluminenses. Convenhamos que a marcharem as coisas neste ritmo acelerado, dentro em pouco estará o nosso Estado ocupando, no seio da federação brasileira, um posto de vanguarda, entre os que maior quantidade de prédios escolares possuem, relativamente à sua população infantil.

Se o ensino primário tem merecido de V. Excia. os solícitos cuidados, que todos nós conhecemos, não menos se esforce o seu Governo em difundir, dentro dos poucos recursos do orçário estadual, também o secundário, que, em pouco mais de um ano de sua administração, conta já com o dôbro de estabelecimentos públicos, sem falar nos cursos ginasiais que já orçam aproximadamente por meia dúzia.

Costume é dos candidatos ao Poder, nas nações democráticas, traçar previamente, em suas plataformas políticas, os pontos capitais de sua atividade, expor ao povo aquilo que vai constituir o principal objetivo de sua ação, à frente do Governo.

Para uns, a preocupação máxima é a abertura de estradas, facilitando o rápido escoamento dos produtos e a livre circulação da riqueza; para outros, é a higiene e a saúde do povo, tão imprescindíveis ao trabalho e ao progresso de uma nação; para terceiros, a educação popular, sem a qual não é possível uma vida digna e feliz; há ainda aquêles para os quais é a agricultura a âncora de salvação, a que se apegam, principalmente nos países de grandes áreas geográficas, de terras férteis e bem regadas.

Não é propósito meu, entre tantos objetivos diferentes e opiniões discordantes, concluir, assim, de um modo geral, sem maior exame, com quem está a razão. É mesmo provável que todos estejam certos, porque êsses problemas são de tal natureza que interessam indistintamente a tôdas as nações, máxime a nações jovens como a nossa.

Nascemos para a civilização, quando muitos povos atingiam a sua maturidade, embalando-se nas doçuras de uma existência confortável e feliz, produto de uma experiência milenar e de um longo esforço civilizador. Os nossos problemas só agora começam a ser devidamente equacionados. Por isso, não deve o brasileiro entregar-se ao desânimo. Ao contrário. Só há motivo para olhar as coisas com otimismo. Se há muito por fazer, em nossa terra, a verdade é que, nestes cento e pouco anos de independência política, já não são poucas as conquistas, de que podemos orgulhar-nos.

Ao observador sereno e imparcial será muito difícil, Sr. Governador, descobrir qual desses problemas merece, ou melhor, tem merecido mais a sua atenção ou as suas preferências. Construir estradas? Velar pela saúde do povo? Cuidar da agricultura? Incentivar a indústria? Abrir escolas? A tudo tem V. Excia. consagrado o melhor das suas vigílias e, como aquêlê Argus Panoptes, a quem a imaginação helênica emprestou cem olhos, de maneira que nada escapava à sua visão, olha também V. Excia. para todos os setores da administração, com o mesmo carinho e a mesma vigilante solícitude.

Não se sabe o que mais admirar em seu Governo, se a presteza com que delinea os planos, ou se a rapidez com que os executa. Vê-se logo que, antes de perlustrar os bancos das universidades, esta giou V. Excia. pela oficina das fábricas, adquirindo, na tenacidade com que aprendeu a dobrar o aço, êsse poder de vontade e essa firmeza de decisão, que são bem um dos traços salientes de seu caráter.

Ainda não esvaneceram, de todo, no ar, as últimas clarinadas da solenidade inaugural do Grupo de Itaverá, neste município, e aqui nos encontramos, de novo, para a cerimônia do banho lustral do Grupo Escolar de Passa Três.

O edifício aí está, sólido e imponente na sobriedade de suas linhas arquitetônicas, dominando, desta eminência, tôda a paisagem que se desenrola lá em baixo, na cidade, como uma sentinela indormida, a quem compete zelar pela conservação dos bons costumes e pelo progresso sempre crescente dêste abençoado rincão fluminense. É êle, não há negar, mais uma demonstração da perícia e do gosto artístico dos técnicos do Departamento de Engenharia do Estado, à cuja frente se acha a pessoa do Dr. Arcia Leão, de quem não se sabe o que mais admirar, se a sua modéstia, a sua competência ou essa operosidade, que não conhece limites. Recebendo-o, neste momento, quero deixar-lhe aqui consignado, ainda uma vez, o reconhecimento da Secretaria que dirijo.

Viveiro de varões ilustres, entre os quais é de justiça se destaquem os vultos de João Carlos Teixeira Brandão, médico e ex-deputado estadual, almirante Jorge Americano Freire, engenheiro militar e ex-comandante da Escola Naval, Alfredo Pujol, jurisconsulto, ex-deputado federal e ex-membro da Academia Brasileira de Letras, Francisco Pereira Passos, engenheiro e reformador da cidade do Rio de Janeiro, Florentino Avidos, engenheiro, ex-presidente do Estado do Espírito Santo e ex-senador da República, José Otávio Correia Lima, escultor e ex-diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Luís Ascendino Dantas, publicista e historiador, para só citar alguns de seus mortos mais eminentes, este município ocupou um lugar destacado nos fastos da vida política e social da Velha Província.

Não foi assim difícil encontrar, nessa galeria esplêndida, em que todos se disputam a palma do merecimento, um patrono para esta casa. Antes, se dificuldade houve, foi apenas na escolha. Dentre êsses nomes, porém, um logo se impôs, tão viva estava, na memória de todos, a trajetória de sua ascensão gloriosa - ALFREDO PUJOL -.

No dizer de um grande crítico patricio, há homens que valem mais do que a sua obra; há homens que valem menos que a sua obra; mas há-os também, cuja vida e obra se equivalem perfeitamente.

Alfredo Pujol pode ser enquadrado entre os últimos. Nêle, o homem e a obra se justapõem admiravelmente, uma explicando o outro, numa perfeita equivalência de valores. Se não escreveu muito, seguindo o conselho de Schopenhauer, em compensação, a bagagem que deixou, foi suficiente para inscrever o seu nome, como um dos mais ilustres, no panteon da história literária nacional.

Na oração que pronunciou, ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Pujol, assim se referiu Otávio Mangabeira, em rápidas mas sugestivas palavras, acêrca das qualidades literárias de seu antecessor: "Tal o escultor que, burilando a obra prima, não imagina que o mármore, que ergue à imortalidade, é o mesmo que o imortaliza, não teria Pujol presentido que, no momento que compunha, se modelava, ao mesmo tempo, a si próprio."

Não há melhor resumo para enfechar tôda a vida intelectual do grande filho de São João Marcos do que êste, feito pelo seu eloquente apologista, naquela noite memorável, em que se engalanou para acolhê-lo a Academia Brasileira de Letras: "Militou na vida pública. Exerceu o jornalismo. Viveu, sobretudo, na advocacia. Mas precisamente as horas vagas em que lavrou no campo literário, hão de ser as que mais o conservam na lembrança dos pósteros." A ninguém se ajustaria melhor, do que ao nosso homenageado de hoje, aquilo que Ferreira de Araujo disse de Machado de Assis: "Subiu serenamente sem acotovelar ninguém."

O seu espírito iluminado, despido das impurezas da matéria e agora indissolúvelmente ligado aos destinos desta casa, há de pairar, dora avante, sobre ela, animando em suas dificuldades e confortando em seus abatimentos a todos que aqui mourejam, como um gênio benfazejo, que possui o condão mágico de converter os momentos amargos da existência em outros tantos instantes de alegria e encantamento.

Senhoras professoras:

Reservei êstes momentos finais especialmente para falar -vos. Não quero que as minhas palavras tenham agora o entono grave de uma oração solene, nem que as frases me saiam buriladas a rigor, como se pretendesse tirar delas algum efeito estético. Não. Desejo apenas que elas tomem o acento simples de um conselho paternal ou de uma conversa doméstica ao pé do fogo, como essas que costumamos entreter nos serões de família, nas longas noites estivais.

Confiando, em nome do Governo, à vossa guarda e zêlo esta casa de ensino, que será o santuário das vossas atividades, só uma coisa vos peço: é que deis o melhor dos vossos esforços à causa da educação da infância. Não sei de outra missão mais sublime. É formando o coração da criança na prática salutar da virtude e iluminando-lhe a inteligência pelo saber, que se prepara o futuro de uma grande nação.

Não importa que as vossas ações não tenham a recompensa do bronze consagrador ou a imortalidade garantida nas páginas imarcessíveis da história pátria. O grande Catão também não teve estátua. Mas nem por isso foi menor a sua glória. Todos os forasteiros que visitavam Roma, admiravam-se de que, nos plintos do Capitólio, faltasse o mármore do cidadão, cuja fama de virtudes enchia todo o vasto império e era o orgulho do povo romano. Mas haverá, por acaso, - pergunto eu - maior homenagem, prestada a um homem, do que essa de viver na memória dos seus concidadãos?

Não tereis estátuas certamente, mas os vossos discípulos se encarregarão de levar o eco das vossas ações beneméritas, enaltecido pela imaginação infantil e sobreidoirado pelo prestígio do tempo, às gerações fluminenses que vierem depois, num preito imperecível de respeito e saudade. E não tenho dúvida de que essa será a mais legítima e a mais sublime das consagrações. Vale mais certamente viver na lembrança de um coração amigo, do que na algidez evocativa de um monumento nacional. Essa a glória que vos espera, senhoras educadoras de Passa Três. Essa a homenagem póstuma que a Pátria agradecerá da vos reserva.